

# Vária Emília

## Constança Carvalho Homem

>  
*O tio Vânia,*  
 de Anton Tchekhov,  
 enc. Nuno Carinhas,  
 Assédio / Ensemble  
 / TNSJ, 2005  
 (Emília Silvestre),  
 fot. João Tuna/TNSJ.

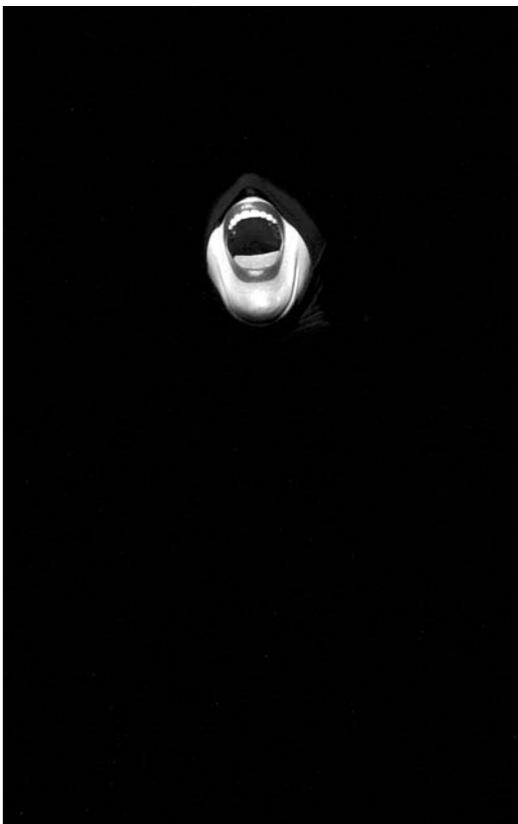


A Menção Especial hoje atribuída a Emília Silvestre é uma distinção que se faz em dois eixos, o da sincronia e o da diacronia: se, por um lado, o júri quis sublinhar este seu ano de particular fulgor artístico, não quis, por outro lado, deixar de destacar o conjunto da sua carreira, de ininterrupta dedicação e reconhecido mérito. Em 2007, a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro dá, então, continuidade ao seu esforço de pontuar e sinalizar os casos paradigmáticos de rasgo, exigência e talento excepcionais, em que esta actriz de grande fôlego não pode senão incluir-se.

Emília Silvestre é, seguramente, uma figura central para o entendimento do teatro português contemporâneo. Integra uma geração de actores muito anterior à existência de educação artística formal naquela cidade, uma geração que se foi atrevendo e formando em palco ao longo da década de 70. Nos anos subsequentes, Emília fez o necessário caminho de persistência e itinerância,

tendo participado em espectáculos de companhias como a Seiva Trupe, o TEP, Os Comediantes e o TEAR. No entanto, a década de 90 foi, porventura, a de maior visibilidade e consagração: a reabertura do Teatro Nacional S. João, sob a direcção de Ricardo Pais, deu início a uma longa e frutífera integração da actriz no elenco regular da casa. A criação do Ensemble – Sociedade de Actores, companhia que fundou com João Paulo Costa, António Capelo e Jorge Pinto, constituiu, igualmente, um ponto de viragem nesse período, pelas possibilidades que abriu em termos de um trabalho sistemático com um mesmo núcleo duro.

Em 1988, tinha eu 7 anos redondos, vi a Emília em palco pela primeira vez. O programa para esse sábado consistia em ida ao teatro, seguida de festa de anos, mas o pouco que recorro do dia distribui-se equitativamente por três sensações: a de um grande pasmo face ao que tinha assistido, a de uma inveja pequena, mas incisiva,



&lt;

*Todos os que falam*  
[*Não eu*],  
de Samuel Beckett,  
enc. Nuno Carinhas,  
Assédio / Ensemble / TNSJ,  
2006 (Emília Silvestre),  
fot. João Tuna.

*Turismo infinito*,  
de António M. Feijó,  
a partir de textos de  
Fernando Pessoa,  
enc. Ricardo Pais, TNSJ,  
2007 (Emília Silvestre),  
fot. João Tuna/TNSJ.

&gt;

das meninas que actuavam no espectáculo e a de, afinal, já não querer ir a festa de anos nenhuma. A culpa foi toda do *Sonho de uma noite de Verão* d' Os Comediantes, naquela que registo como a minha primeira e iniciática ida ao teatro. Fui vendo a Emília em palco ao longo dos anos. Eram patentes, e unânimes, a desenvoltura, a inequívoca versatilidade, o domínio vocal impar, a plasticidade; mas era, sobretudo, um apurado sentido de composição que dava à actriz o recorte vibrante dos gigantes. Como não recordar a sua interpretação em espectáculos tão diversos e decisivos como o díptico *Sik Sik o mágico / O homem da flor na boca*, de Eduardo de Filippo e Pirandello, com encenação de Toni Servillo; *Cais oeste*, de Koltès, com encenação de Rogério de Carvalho; ou *Castra*, de António Ferreira, e *UBUs*, de Jarry, ambos com encenação de Ricardo Pais? Ou, em anos mais recentes, em espectáculos assinados por Nuno Carinhas, como *O tio Vânia*, ou *Todos os que falam?* Emília Silvestre

marcou e marca presença em espectáculos que habitualmente servem o teatro da melhor maneira – ou porque nos adensam o forro, ou porque se erguem como "uma casa contra o mundo".

Em 2007, o público pôde assistir a duas prestações memoráveis, respectivamente em *O cerejal*, encenado por Rogério de Carvalho, com apresentações no FITEI, no Festival de Almada e, posteriormente, no Teatro Carlos Alberto, e em *Turismo infinito*, com encenação de Ricardo Pais, que se apresentou nos Teatros Nacionais de Porto e Lisboa e que prossegue em digressão, dentro e fora do país. Há ainda um outro elemento de monta a referir: a transformação de *Não eu*, de Samuel Beckett, o dramático que interpretou genialmente em *Todos os que falam*, numa peça de vídeo-arte projectada em praça pública. É, pois, com imensa satisfação que se distingue uma actriz como Emília Silvestre, que merece ser vista à luz, ainda que saiba, tão bem, latejar no escuro.